

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *Acervo (C.S.)*

Class.: 72

Data: 30 de agosto de 1981

Pg.: _____

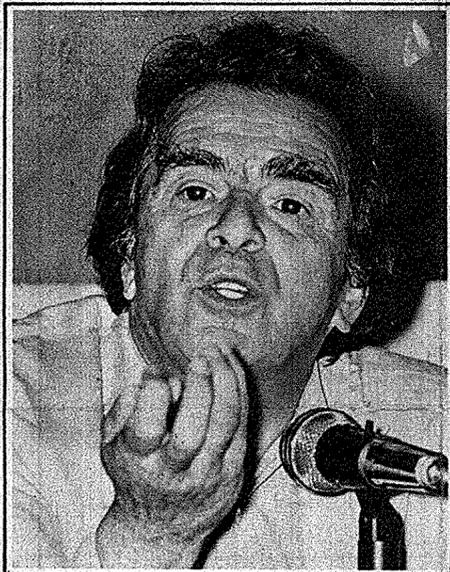
DARCY RIBEIRO

“A situação dos índios brasileiros me envergonha”

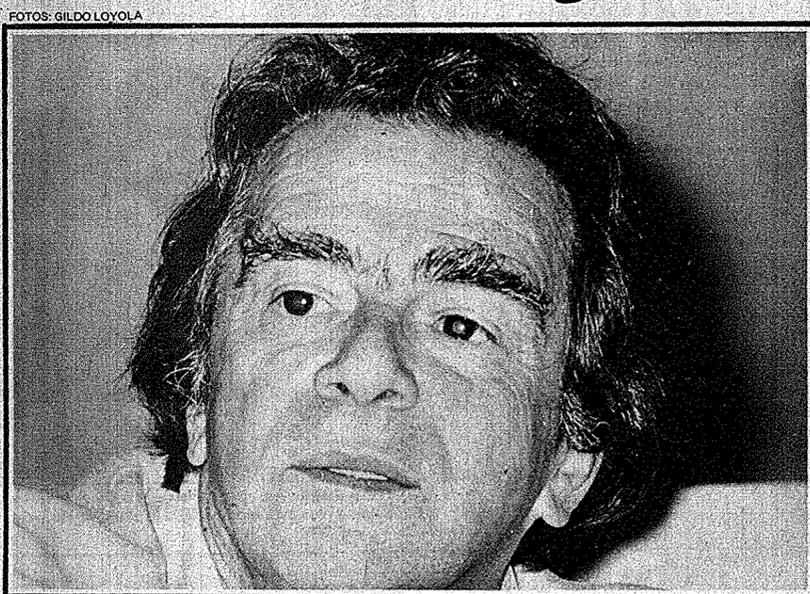
O antropólogo Darcy Ribeiro esteve em Vitória participando do ciclo de debates “Marginalidade e Literatura”, promovido pela Sub-Reitoria Comunitária da Ufes, Diretório Central de Estudantes e Departamento Estadual de Cultura.

Ex-chefe da Casa Civil e ministro da Educação do Governo João Goulart, na sua palestra de segunda-feira última Darcy Ribeiro falou sobre seu livro, *Maira* (“tive que entrar na pele de um índio para expressar seus sentimentos”), sobre a situação indigenista, de Glauber Rocha e da educação brasileira.

“O BRASIL É UM PAÍS PARA OS BONITOS, OS BRANCOS E OS EXPLORADORES”



Darcy Ribeiro: “A atuação do governo brasileiro junto aos índios é etnocida e genocida.”



Darcy Ribeiro: “A educação, no Brasil, consegue ser pior do que a do Paraguai”.

Entrevista a Gley Coutinho

A GAZETA — O senhor é antropólogo por formação e sempre esteve ligado ao índio. Como era a situação do índio antes do seu exílio e como é a situação de nosso índio hoje?

Darcy Ribeiro — Mal. O índio vai muito mal. A situação piorou muito. Eu me lembro que anos atrás, em 54, por exemplo, estive na Europa, na Organização Internacional do Trabalho, em Genebra, na Suíça levando o pensamento brasileiro. Estive levando o pensamento de Rondon. Levando aquela diretiva dele de “morrer se preciso for, matar nunca”. Ou seja: mesmo indo ao encontro de grupos indígenas para ampliar as linhas telegráficas, mesmo atacado, a tropa dele atacada ele não permitia revidar o ataque dos índios, porque se considerava um invasor da terra do índio. E ele protegia, dava ao índio o direito de ser índio, assegurando a cada um o pedaço de terra para ele viver. Então, você vê que coisa triste para mim que tive que voltar agora. Há um ano a Holanda, como membro do Tribunal Bertrand Russel.

A GAZETA — Quantos índios existem atualmente no Brasil?
Darcy Ribeiro — Os índios eram seis milhões e, agora são pouco mais de 250 mil, ou 200 mil. Como é que esses poucos que vivem tão pouco, com um pedacinho de terra para viver com respeito para serem eles mesmos, como esses poucos são tão desprotegidos, tão perseguidos?

A GAZETA — O senhor acha que com a subida do regime militar ao poder, a situação dos índios piorou?

Darcy Ribeiro — De todo este período de ditadura que nós atravessamos, esta noite negra de tortura ela deixou muitas provas de violência e ela deixou na Funai uma quantidade louca de gente da maior periculosidade. São os coronéis aposentados que acham que podem, a toque de caixa, obrigar os índios a não serem índios. Quer dizer, querem tentar o que Anchieta tentou aqui. A brutalidade missionária original que perseguia os índios a ferro e fogo e Anchieta apelando para o governador geral Mem de Sá para que o braço secular subjugassem os índios antes que eles fossem convertidos. Razão pela qual Anchieta nunca pode ser santo. Nunca alcançou o grau de Santo, porque aqui na cidade de Vitória ele escreveu aqueles versos puxando o saco de Mem de Sá e pedindo para matar mais índios. **A GAZETA — A “Ode a Mem de Sá”.**

Darcy — É isso mesmo. “Ode a Mem de Sá” pedindo para matar mais índios, onde ele dizia “160 aldeias incendiadas”. Isso

ele escreveu aqui no Espírito Santo. E depois dessa brutalidade, esses coronéis querem ainda continuar, para obrigar o índio a não ser índio. Então, a situação dos índios é muito feia. Isso me envergonha, me entristece muito e é preciso que cada brasileiro, cada pessoa reclame. Cada vez que se tenha uma oportunidade reclamar isso. Não há qualquer posição entre os interesses nacionais e o dos índios. A posição é um sacanazinho que está ali junto deles e quer estender suas terras contra os índios. É a violência local. É essa violência estúpida da brutalidade que avassalou o País e que ainda está encastelada nos pontos como a Funai.

A GAZETA — Uma vez entrevistel o Ademir Ribeiro da Silva, sobre quem se dizia na época que iria para a Funai. E eu perguntei o que ele faria na Funai. Ele me disse que se não pudesse proteger o índio, ele se demitiria. E se demitiu.

Darcy Ribeiro — Ele se retirou da Funai envergonhado. Foi o último diretor de boa qualidade que esteve por lá. Antes dele e depois dele só tem havido coronéis brutos. Que odeiam os índios. E incrível, não é? Com toda a opinião pública nacional e internacional contra. E porque esse governo é tão insensível com uma coisa dessas! E que gente, mais tacanha e cruel!

A GAZETA — O senhor conhece a situação dos índios do Espírito Santo? Dos tupiniquins e guaranis daqui?

Darcy Ribeiro — Não. Aqui no Espírito Santo, a zona de todo o vale do Rio Doce foi uma das zonas mais catastróficamente tratadas do mundo. De Minas Gerais e do Espírito Santo, nos últimos 50 anos aqui existia a área de florestas mais exuberante da terra. A floresta original daqui era três vezes mais exuberante do que a da Amazônia, pela grossura das árvores, por sua altura. Os naturalistas mais importantes sempre trataram a floresta do Espírito Santo como a amostra, o grande florescimento da floresta Atlântica. Pois bem, em todos esses anos, esses 50 anos, nós vimos toda essa floresta ser derrubada a fogo. Derrubada com caixa de fósforo e fazendeiro brutal, boçal, que derrubava para transformar em capinzal, pensando que ia criar um gado que ainda não tinha. Você passa por aí, a mata está derrubada, você vê o capinzal, mas o gado é muito pouco. Há pouco tempo, depois de fazer uma viagem pela Alemanha e pela França, percorri de carro toda a Rio-Bahia. E passei em 1200 quilômetros de zona que tinha sido de mata. Pois bem, essa zona da Rio-Bahia, que é o caso do Espírito Santo, também, tem menos florestas do

que a Alemanha. Tem 10 vezes menos florestas do que a Alemanha, a França tem 10 vezes mais parques florestais do que essa zona. Então, é uma brutalidade. E essa boçalidade aqui se exerceu também contra os índios.

A GAZETA — Os Aimorés...
Darcy Ribeiro — Os Aimorés e os Crenauques. Havia uma tribo aqui que se chamava Crenaque. Pois bem: desses Crenauques, último grupo que sobreviveu fez a primeira aproximação passiva em 1918. Ou seja, em 1918 havia índios botocudos com arco e flecha, desses que se encontram agora no Xingu. Eles estavam aqui.

A GAZETA — E a região de Linhares era território botocudo.

Darcy Ribeiro — A história dos índios aqui é muito trágica. Anchieta, com a brutalidade dele, de um lado. Por outro lado, quando D. João VI veio para o Brasil 1808, decretou guerra ao índio, foi o primeiro ato que ele promulgou. E essa guerra era aos índios do Espírito Santo. E como ele decretou uma guerra justa, porque os índios eram hostis, quem quer que tocasse no ombro de um índio ele seria seu escravo para o resto da vida. O terceiro episódio é que esses índios Crenauques que ainda sobreviveram em 1918 e foram pacificados por

“Glauber era um homem que o Brasil não soube amparar, não soube compreender, não soube aproveitar”

Rondon foram todos exterminados.

A GAZETA — E, de crenaque por aqui só existe uma estação da estrada de ferro da Vale do Rio Doce.

Darcy Ribeiro — Pois é. Estes índios eram uma tribo enorme e eles foram exterminados, suas terras negociadas. Os remanescentes foram levados para Minas Gerais. E há uma porção de sacanagens desde o antigo SPI até a Funai agora. E ainda agora os que restaram uma família Crenaque ou duas foram levadas de volta pela Funai para o Posto Maxacali, em Minas Gerais, onde eles não puderam se adaptar. Essa é a situação dos índios do Espírito Santo.

A GAZETA — E estes índios que estão aqui em Caieiras Velhas. Os tupiniquins e guaranis.

Darcy Ribeiro — Eu não conheço. Eu sei que tem um grupo aí. Mas eu não conheço.

A GAZETA — O senhor acabou de vir do enterro do cineasta Glauber Rocha. Eu li uma entrevista que Glauber deu no ano passado a Heloisa Buarque de Holanda, onde ele diz: “Darcy Ribeiro é um filósofo, um criador e um inventor de civilizações novas, que tem pique revolucionário”. Como o senhor vê Glauber Rocha?

Darcy Ribeiro — Ontem eu fui levar Glauber Rocha para enterrar. Fiz a oração fúnebre de despedida do Glauber. Olha, o Glauber era simplesmente o gênio que nós tínhamos. Aliás, nós ainda temos um Oscar Niemeyer. Glauber era um homem imenso que o Brasil não soube amparar, não soube compreender, não soube aproveitar. E que morreu dessa forma terrível, morreu de pneumonia,

transformada em septicemia, coisa que até em Montes Claros se consegue tratar. Não sei como em Lisboa conseguem matá-lo. Porque ele chegou praticamente morto.

A GAZETA — A doença dos pobres do Terceiro Mundo.

Darcy Ribeiro — Todos nós estamos muito perplexos com isso. E a perda do Glauber é dessas perdas únicas, porque um povo precisa existir durante anos ou mil anos, e às vezes pode não produzir nunca uma figura genial. E de repente surge uma figura genial como a do Glauber e o Brasil não lhe deu as oportunidades que precisava aqui, os meios que precisava ter. Eu me pergunto: ele estava em Lisboa e diagnosticou-se lá? E por que não foi para Paris, um lugar que tem melhores recursos, onde ele tinha tantos amigos. Por que veio para cá, para tratar-se? Será que não foi por falta de dinheiro? Então, tudo isso me deixa muito triste. A morte dessa figura genial. Você vê, não há cinemateca do mundo que não tenha as obras do Glauber. Naturalmente, a cidade de Vitória não tem.

A GAZETA — Na verdade, nós não temos nem cinemateca.

Darcy Ribeiro — Pois tratem de ter as obras do Glauber em cópias para que se possa saber. Glauber é a grande voz do Terceiro Mundo. Uma voz respeitada no mundo inteiro. Glauber é falado. Eu encontrei Glauber em Paris, em Montevideo, em Roma, em Lima, em Buenos Aires, em Santiago. E sempre aquele fulgor, aquela inquietação incrível, aquela coragem moral incrível também. Discordamos um do outro em mil coisas, mas eu tinha sempre o que aprender com o Glauber. Eu disse no enterro: “É uma coisa muito trágica essa fatalidade. Nós, os velhos, enterrando os jovens. Nós, os medíocres, estamos enterrando um gênio. Ele, se tivesse mais um ano ou dois anos de vida, teria muito mais a fazer do que todos que estavam ali. Todos os cineastas que estavam ali. Todos. E eles sabem disso. Não há dúvida, todos sabem que é a verdade. Mas é um governo péssimo, um país atrasado e um homem como Glauber nunca teve os recursos que um homem da qualidade dele precisava para continuar.”

A GAZETA — E mesmo sem recursos ele fez coisas incríveis.

Darcy Ribeiro — Algumas pessoas têm a mania de dizer que de alguns filmes do Glauber o público não gosta. Mas me disseram na França: os filmes do Glauber, quem viu não esquece mais. Ele era a voz do nosso tempo. Alguém me disse Glauber viveu como um homem que não tivesse pele, com a carne exposta. Ele tinha uma enorme capacidade de amar, de sofrer, de chorar e de se indignar. Nós todos devíamos estar cheios de indignação por ter tanta gente com fome, tanta gente com a boca podre, tanta gente sem educação, tanto menino convertido em analfabeto do futuro. Agora, o Glauber tinha a capacidade de encarnar essa dor de que o Brasil não tenha dado certo. De que seja esse País tão cruel para o seu povo e tão lucrativo para a canalha, tão lucrativo para os ricos, tão lucrativo para as multinacionais e tão perverso para com seu próprio povo.

A GAZETA — As pessoas e alguns intelectuais tinham preconceito contra ele, o consideraram louco.

Darcy Ribeiro — Todo gênio é meio louco. Essas coisas que eu estou lhe dizendo são coisas loucas. Por exemplo, não é

louco dizer que esse país não deu certo? Por exemplo, toda a mediocridade que está aí nas universidades, os advogados, jornalistas, engenheiros, etc., não estão aí para louvarem pequenas façanhas: “Que beleza, um país de 120 milhões de habitantes, o dobro da população da França, o dobro da população da Itália. Mas... maior em quê? Em tonelagem de carne humana com fome. Pois é esse lado que nunca se fala. E ter a coragem de falar isso é que os medíocres tinham de loucura. E quando o Glauber fala isso, afirma isso e exhibe isso, é louco. E o Glauber vive também no diapasão do desespero e da esperança, qualquer sinalzinho de esperança. Por exemplo, a idéia de que essa ditadura pudesse fazer alguma coisa fecunda. Eu tenho uma idéia que é uma ditadura militar que, por seu sentido brutal, por sua própria natureza é uma coisa feita para os ricos. É uma coisa para impedir o povo de se manifestar, então esperar que ela melhore é uma ilusão. Mas o Glauber era capaz. Ele era tão desesperado que o desespero dele virava esperança. Ele me dizia: “Darcy, por que esse Geisel, com tanto poder, não dá uma dentro? Podia dar?”

A GAZETA — O Zelito Viana disse que a morte do Glauber é capaz de promover a unidade dos cineastas brasileiros. O senhor acha isso possível?

Darcy Ribeiro — Pelo menos no enterro dele todos estavam lá: os que falavam bem e que falavam mal. É possível que seja esse o momento de unidade.

A GAZETA — E o colonialismo cultural aqui no Brasil? Isso tem jeito?

Darcy Ribeiro — Ter jeito, tem. Porque qualquer povo e também o povo brasileiro tem lá seus mecanismos de defesa. Você imagina: se não fossem esses mecanismos? Com a televisão cobrindo o país inteiro e bombardeando de informação e desinformação, todos nós estaríamos com a mentalidade colonialista.

A população continua apegada à idéia de Getúlio, do trabalhismo, à idéia de Jango, que era um presidente gentil e cordial democrático e com o sentimento que era popular e que ele não caiu, que foi derrubado do poder. Que não foi derrubado por seus defeitos, foi derrubado por suas qualidades. Foi derrubado porque estava tentando fazer uma reforma agrária e porque estava tentando controlar as multinacionais. Então, os ricos se associaram para derrubá-lo. E essa idéia popular ficou lá, apesar de todo o bombardeio.

A GAZETA — Mas, no mínimo, o conformismo é divulgado.

Darcy — É claro que é uma coisa trágica quando você vê que se difunde no Brasil, com os enlatados, toda uma série de posturas culturais e de valores que não correspondem ao do nosso povo. E a oportunidade de que a nossa própria cara, de que as nossas próprias características se exibam muito pequena. Mas mais grave ainda do colonialismo cultural pelos enlatados ou pela literatura feita dos best-sellers estrangeiros, muito mais editados que os autores nacionais, mais grave ainda do que tudo isso é o fracasso de nós mesmos em realizarmos coisas tão simples, como dar uma educação popular decente. A educação no Brasil é pior do que a educação popular do Paraguai.

A GAZETA — Olha que precisa fazer um esforço, hein?

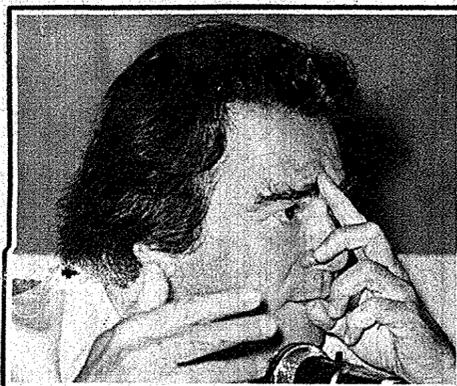
Darcy Ribeiro — É preciso mesmo fazer um esforço para a educação popular ser pior do que a paraguaia. Pior do que a boliviana. E é pior.

A GAZETA — Como é que se consegue isso?

Darcy Ribeiro — É de se perguntar mesmo como é que se consegue esse milagre de ser tão ruim em educação. E consegue. E qual é a causa disso? Você vê em qualquer lugar do mundo, a criança precisa de uns 220 a 250 dias de aula por ano. Precisa de seis horas de aula por dia para aprender a ler, escrever e contar. Um menino francês, soviético, norte-americano ou cubano necessita de seis horas de atenção da professora por dia para isso.

Darcy Ribeiro: Este não é um país para o seu povo. É um país para os ricos, para os bonitos, para os exploradores.

O Brasil tenta fazer isso com três horas e até duas horas e meia. O que significa isso? A escola pressupõe que as crianças têm alguém em casa que não precisa trabalhar, para ficar tomando conta do menino e que esse alguém tem o curso primário completo, que possa estudar com a criança. Olha, isso acontece com quantas famílias? 90% das famílias brasileiras de hoje não têm essa pessoa à toa em casa. Então, a escola primária é elitista. Ela é feita para menino rico. A função geral que cumpre a escola primária é a de provar para o menino pobre que ele é pobre, é burro. Porque o menino rico chega lá e passa de ano. E ele não passa nunca de ano. Ou seja: nós estamos produzindo agora os analfabetos do futuro. O que eu digo às vezes de brincadeira é que nós temos agora produtos de exportação e que podemos até ganhar dinheiro no ano 2000. Fazer paradas de milhões de analfabetos que o mundo virá ver. Milhões de analfabetos adultos com aquelas caras feias de bocas podres. Porque as crianças que deveriam estar nas escolas agora, com seis anos, que deveriam ser calçadas e carinhosamente levadas à escola não estão sendo levadas à escola. Em qualquer lugar do mundo, na França por exemplo, uma criança que é encontrada na rua entre 7 e 16 horas o policial se aproxima dela e pergunta o que ela está fazendo e a leva para a delegacia, não para bater, violentar. Leva para que o pai vá buscar. Na terceira vez o pai fica lá e vai falar com o juiz, para explicar porque a criança não está na escola. Porque quando ela não está na escola, ela está virando o que? Trombadinha, delinquente. A grande história da criança brasileira é ado delinquente juvenil, da criança disputando lixo para comer. É uma vergonha que seja assim e não tem razão de ser assim. Isso não tem que importar nada. Professora primária é coisa barata de fazer, você pode produzir em grande quantidade. E a professora primária só precisa de giz, que é uma coisa barata. E uma casa. E isso não se dá às crianças do Brasil e não se dá por quê? Porque este país não gosta de seu povo. Esse país não é para o seu povo. Esse país é para os ricos, para os bonitos, para os exploradores.



Darcy Ribeiro: “Nossa escola primária é elitista”.